

Salomão Rovedo

7

canções



(poesia)

Poderia cantar ao infinito
O prazer de ter te conhecido.

1987

1

CANÇÃO DE TEUS POEMAS

Estes poemas são teus
porque – bem vês – são o espelho
que te reflete inteira:
cabelos, olhos, boca, sopro, pés.

Porque são teus estes poemas,
são a tua sombra.

Estes poemas são teus
porque são teus.

Porque minhas mãos teleguiaste,
corpo e alma psicografados,
aqui e na distância.

Estes poemas são teus

porque sugerem primavera
quando não é primavera,
porque vieste verão abrasador.

São teus estes poemas porque
vários outonos alegraste,
são teus estes poemas,
somente teus...

2

CANÇÃO DAS DUNAS ESTELARES

Sardas são estrelas.

Teu corpo é a Via Láctea
salpicada de sardas.

São dunas de areia
as alvas ondulações estelares
desse corpo.

Desafios exigindo sabsenças
as reentrâncias.

Leitosos caminhos cósmicos
desafiam o amante venturoso.
Sardas são estrelas, astros, sóis,
pontos minúsculos de universo

para sempre incógnito.

Teu corpo salpicado de sardas,
ponteado de alvas ondas estelares,

reentrâncias como desafios,
convida o venturoso amante.

Colher uma a uma as estrelas,
com os lábios apagar sardas,

deslindar o sabor lácteo
que as reentrâncias exalam.

Saber a sal o sabor da pele,
dos lábios salpicar de novo,
repor uma a uma as sardas todas
em seus devidos lugares.

Via Láctea chamuscada de sardas
– que são artes estelares –
reproduzindo o trimilenar mistério.

Miríades de sensações:
teu corpo tem estrelas.

3

CANÇÃO DOS PÉS ROLIÇOS

Beijo teus pés com fervor
pois até mesmo eles têm
uma sensualidade própria.

Beijos teus pés roliços
e os dedos macerados
pelas sandálias ao caminhar.

Beijo teus pés com fervor.

Pés como plantas
onde a raiz do desejo humano
nasce, atraca, cresce e fulge
como voraz trepadeira.

Beijo teus dedos roliços

e os pés redondos marcados
pelo calçado no caminhar.

Beijo teus dedos com fervor.

Beijo teus pés redondos
que sustentam alvas colunas
de leite e mel.

Convidam para ir além,
muito além.

Beijo teus pés com fervor,
beijo teus dedos esmaltados,
vermelhos, muito rubros,
beijos os tornozelos
roliços, com fervor.

Beijo teus pés,
beijo teus dedos roliços
com o mais solene fervor!

4

CANÇÃO DAS OITO NINFETAS

Ayuara dos sóis,
cabelos flamejantes,
tuas lavaredas envolvem
e lambem os que te cercam
e decerto amar te desejam.

Boiaçu dourada,
olhos diamantinos,
lapidados, faiscantes,
brilho de lâmina nascido
que fere, corta e cega
os que volteiam teu corpo.

Janaína dos rios,
turmalina da gema
das minas gerais,
teu corpo entrelaçado
por tão longos cabelos
emerge das águas e colhe
humano escravo garimpo.

Mãe D'água encachoeirada
do verde das matas
fundos torpedos brilhantes
miríficos que enfeitiçam
os que desejar-te ousam.

Sereia dos lagos
de pelos oirados
ou louros trigais,
acarinham, abarcam,
aprisionam, matam,

– de amor? de desejo? –
tão pobres mortais.

Sirena marinha
espumante (ou áspera?),
areia, braços tentáculos,
seqüestram à morte
corpóreos navegantes
perdidos a vagar.

Uiara das luzes,
miraculosa luminosidade,
laser ultrafulgurante,
a luz clareia corações,
almas desencarnadas,
epidermes em clarões.

Yara planetária
fulge das entranhas

a terrenal existência,
a redimir os seres
de humilde magnificência
nos céus, nos ares,
pecadores de amor e febre,
desejos e mais... e mais...

5

CANÇÃO DOS OLHOS LÍQUIDOS

Esses olhos mais que líquidos,
de transparência infinita,
olhos de pedra preciosa
que me fitavam em fuga,
faiscando as pedrarias,
Mãos rudes de garimpeiro.
esses olhos trespassados
de liquidez sem fundo,
olhos gemas verdadeiras,
(e não quinquilharias...),
águas profundas em cor,
espaço e tempo indefinidos.

Esses olhos preciosos,
esmeralda-do-brasil,
olhos mineradores
de lavra descomunal,
perscrutadores, devassantes,
microvisão essencial.

Esses olhos preciosos,
olhos líquidos
trespassados, vãos,
gemas a garimpar,
transparência sem fim,
olhos capazes de amar,
esses olhos, bem sei,
olhos de água e punhal
pertencem somente a ti.

Esses teus olhos líquidos...

6

CANÇÃO DO PÚBIS DOURADO

Sopro teu púbis dourado,
louro trigal.

Ao redor, fios de ouro.
rios de leite,
do mais puro alvaiade.

Brancura de algodão,
nuvens leves da tarde.

Sopro teu púbis sonhado
e os pelos de ouro fremem
como trigal ao vento.

Rios de leite,
brancura do mais branco.

Correm teus vales róseos,
alvura de alma inocente.

Ao redor,
no ventre, nas coxas,
fios de ouro cintilam repousados.

Rios de leite,
linho tecido cru,
mistura de todas as cores,
alvura do mais alvo branco.

Sopro teu púbis eldorado:
o sopro morno acorda
para o amor.

Ao redor – ouro –
nas entreabertas pernas
fios dourados cintilam
úmidos de sereno suor.

Beijo teu púbis alado,
beijo o trigal, beijo a flor...

7

CANÇÃO DE ALGUMA ETERNIDADE

(Ficaria ao infinito aquele dia
prisioneiro da lembrança
presente, passada, futura,
do que foi te conhecer).

Poderia cantar hoje e eternamente
o prazer de ter-te conhecido.

Poderia cantar a madrugada
da tua aurora luminosa
como um sol amanhecido.

Poderia cantar a tarde,
o ocaso dos cabelos brasidos.

Poderia cantar o pôr-do-sol,
o lusco-fusco do olhar esmaecido.

Poderia cantar a noite escura
refúgio do teu corpo adormecido.

Poderia cantar toda a paixão
que tua presença me teve oferecido.

Por isso trouxe a saudade
e o silêncio obstinado
do teu olhar fundo e quente.

Trouxe o aconchego desesperado
da tua boca – ferro em brasa –
desse sorriso descarado...

Do teu corpo impaciente
trouxe o desejo incarnado.

Dos teus seios pequeninos,
um minuto muito excitado.

Das tuas pernas e pés
trouxe a carícia redobrada.

Do teu sexo feiticeiro
o gozo em vão derramado...

(Amaria ao infinito o momento
passado, presente, futuro,
prisioneiro da esperança
de um dia te pertencer).

Rio de Janeiro,
set/out de 1987

O Autor: Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), desde 1963 reside no Rio de Janeiro. Participou de vários movimentos poéticos nas décadas 60/70/80.

Publicados: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Mícolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folgedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987

Inéditos: Liriana (Contos), O Breve Reinado das Donzelas (Contos), Estrela Ambulante (Contos), O Pacto dos Meninos da Rua Bela (Contos), Ventre das Águas (Romance), Poesia de Cordel - O Poeta é Sua Essência (Ensaio), O Cometa de Halley e Outros Ensaio (Artigos Publicados em Jornais), (Poesia): Pobres Cantares, 20 Poemas Pornôs e 1 Canção Ejaculada, Glosas Escabrosas (Xilogravura de Marcelo Soares), Blues Azuis & Boleros Imperfeitos, Ventre das Águas, Amaricanto, Viola Baudelaireana e Outras Violas, Templo das Afrodites, Amor a São Luís e Ódio, Anjos Pornôs, Macunaíma (Em Cordel)

Outros: Publicou folhetos de cordel como Sá de João Pessoa; Publicou o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; Colaborou em: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) ...e outras ovelhas desgarradas, impressas e na Internet.

Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi

20785-000-Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil

Tel: +55 21 2201-2604

Foto: Priscila Rovedo



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.